

Oficinas de História

Hierarquias na vida e na morte: uma proposta de educação antirracista à luz do Instituto de Pesquisa e Memória Pretos Novos

Josefa Lenny Amorim Ferreira

Essa *Oficina de História* foi desenvolvida no âmbito da Dissertação *História, Memória e Patrimônio Difícil: o Instituto Pretos Novos e a importância de sua preservação para o Ensino de História*. Intitula-se *Hierarquias na vida e na morte: uma proposta de educação antirracista à luz do Instituto de Pesquisa e Memória Pretos Novos*, no Programa de Mestrado em Ensino de História – Profhistória, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO).

Orientadora: Prof. ^a Dr. ^a Anita Correia Lima de Almeida
--

Rio de Janeiro

2024

Sumário

Apresentação. p. 3

Para o professor. p. 5

Para o aluno. p. 6

Oficina 1: O Cemitério dos Pretos Novos do Valongo. p. 7

Oficina 2: Hierarquias na vida e na morte. p.15

Oficina 3: A gênese do Instituto Pretos Novos. p.31

Oficina 4: Caminhos para uma educação antirracista. p.41

Oficinas de História

Apresentação

Sejam bem-vindos e bem-vindas a nossa aula-oficina de História.

Aqui você irá investigar e conhecer aspectos importantes sobre a história e a memória da escravidão no Brasil, a partir de uma pesquisa realizada sobre o Museu Memorial Pretos Novos e das atividades investigativas propostas nesta aula-oficina.

Este conjunto de oficinas de História tem como objetivo privilegiar a construção de conhecimentos históricos sobre nosso objeto de estudo: o Instituto Pretos Novos – IPN. A temática escolhida está voltada para os chamados temas sensíveis ou difíceis.

A ideia é que ao entrar em contato com as fontes apresentadas e os textos propostos nessas oficinas, os educandos possam analisá-los e criticá-los, de acordo com os objetivos e orientações traçadas por seu professor, com vistas a uma maior participação dos alunos.

É importante salientar que este material didático não remete a um plano de aula, mas a oficinas de História que pretendem abrir possibilidades diversas para auxiliar o trabalho pedagógico sobre temas de memórias sensíveis. Assim, tomando este material como ponto de partida, o docente deve elaborar seu plano de aula de acordo com as características/particularidades de suas turmas.

O objeto desta pesquisa é estudar o Instituto de Pesquisa e Memória Pretos Novos, abordado aqui a partir da categoria de *patrimônio difícil*, tendo em vista sua relação com a história da escravidão e, em particular, com a morte de africanos escravizados, recém-desembarcados no Rio de Janeiro: os *pretos novos*.

O IPN é um Museu Memorial que tem sua origem atrelada a um espaço cemiterial, o Cemitério dos Pretos Novos, destino último dos escravizados recém-chegados que morriam logo após o desembarque ou alguns dias depois. Dedicada a pesquisas históricas e arqueológicas, a Instituição é engajada no trabalho de preservação da memória dos *pretos novos*.

Nas oficinas analisaremos o tema das hierarquias vigentes entre o final do século XVIII e o início do XIX na cidade do Rio de Janeiro. Essas diferenças sociais, que coexistiam tanto na vida como na morte, podem ser estudadas observando-se como eram realizados os sepultamentos de pessoas ricas, pobres, brancas e pretas, e ainda de pessoas livres, escravizadas e libertas. Assim, nossa proposta consiste em elaborar uma ferramenta que seja útil do ponto de vista de uma educação antirracista, a partir da contribuição que acreditamos que o IPN pode oferecer para o ensino de História. Logo, temos como objetivo ressaltar a importância da preservação desse bem museal tanto no que tange à reconstrução da memória coletiva, como por sua contribuição para o ensino de História. Neste sentido, buscamos fazer uma aproximação das fontes que remetem à sociedade vigente no contexto temporal estudado com algumas fontes contemporâneas, com o propósito de relacionar o passado e o presente. Assim, as atividades que seguem foram propostas visando auxiliar professores de História para que possam instrumentalizar seus alunos em suas aulas (Barca, 2004).

Esse material é formado por um conjunto de quatro oficinas (1: O Cemitério dos Pretos Novos do Valongo; 2: Hierarquias na vida e na morte; 3: A gênese do Instituto Pretos Novos; 4. Caminhos para uma educação antirracista), direcionadas particularmente aos alunos do Ensino Médio. O objetivo principal é que, a partir da análise das fontes e dos conhecimentos adquiridos nas oficinas, os alunos se tornem protagonistas na perspectiva de construção de um saber escolar. Assim, espera-se que a partir desta imersão que pretende levá-los a descobertas históricas e

arqueológicas presentes neste cemitério-museu do qual se originou o Instituto Pretos Novos – IPN, os discentes sintam-se interessados em conhecer esse lugar de memória e façam uso do espaço extraescolar como um instrumento potente de aprendizado. No intuito de mediar a construção de saberes escolares, a abordagem proposta nas oficinas é uma metodologia organizada a partir de algumas etapas e pistas, em que são apresentadas informações pertinentes, inseridas para auxiliar os educandos tanto em relação ao entendimento do contexto histórico, como na realização das tarefas propostas.

Para o professor

Caro professor, estas oficinas foram pensadas como um instrumento que possa auxiliá-lo em suas aulas, a partir da proposta de exploração didática de um espaço extraescolar que integra o patrimônio cultural da cidade: o Instituto Pretos Novos. Essa é uma instituição museal que pode ser enquadrada na categoria analítica de *patrimônio difícil*, e o objetivo aqui foi oferecer um material didático – Oficinas – que busca auxiliá-lo na investigação do tema da escravidão, e de como ela se configurou no Rio de Janeiro do final do século XVIII e início do século XIX. Admitindo-se que o *locus* deste estudo é um lugar de memória sensível, que resguarda a história e a memória dos *pretos novos*, africanos recém-desembarcados no porto da cidade nesse período (falecidos e sepultados no Cemitério dos Pretos Novos), o objetivo é promover um debate sobre a importância da preservação dos achados arqueológicos, bem como do patrimônio material e imaterial sob guarda da instituição. A proposta final é que, a partir da conexão com esse passado difícil, seja possível para o professor de História ajudar a promover uma educação antirracista, que permita combater a cultura do preconceito, do racismo e da violência.

Para o aluno

Caro estudante, você chegou até aqui conduzido por sua curiosidade pelo conhecimento histórico! Ressaltamos que você está no caminho certo. E, a partir dos conhecimentos adquiridos neste conjunto de oficinas, é certo que ficará aguçado para buscar novas descobertas. Estas oficinas abordam um tema difícil, mas consideramos que é importante estudar esse passado de violência e dor, ligado à história da escravidão no Brasil e, especialmente, na cidade do Rio de Janeiro, na aula de História. O espaço extraescolar que serve de base para estas oficinas – o IPN – vai ajudar você a adquirir novos conhecimentos sobre esse passado do nosso país. Consulte seu professor de História e converse sobre suas descobertas e curiosidades enquanto estiver explorando esse material. Aqui você encontra quatro oficinas, cada uma delas propõe um desafio, ou seja, uma tarefa a ser realizada, e conta com um passo a passo, dividido em algumas etapas e pistas, para auxiliar a sua investigação. Agora, mãos à obra!

Oficina 1: O Cemitério dos Pretos Novos do Valongo

O caso:

O Cemitério dos Pretos Novos era o lugar de enterramento das pessoas escravizadas, trazidas da África para o Rio de Janeiro pelos comerciantes de escravizados, e que faleciam assim que chegavam ao porto da cidade. Os primeiros enterramentos ocorriam no Cemitério dos Pretos Novos construído na Freguesia de Santa Rita e, mais tarde, passaram a ser realizados no Cemitério dos Pretos Novos do Valongo, criado exclusivamente para o sepultamento de pessoas escravizadas.

A tarefa:

Imagine que você é um(a) advogado(a) negro(a) e vive no Brasil oitocentista. Estamos no ano de 1825, cerca de meio século após a transferência do mercado de escravizados da região central para o Valongo. Ao presenciar o desembarque de cerca de 500 africanos *pretos novos*, fica muito comovido(a) com a situação de maus-tratos (tortura e violência) pela qual aqueles seres humanos passaram, da viagem no navio tumbeiro ao mercado de escravizados. Destas 500 vítimas, 140 vêm a óbito alguns dias após o desembarque e o restante é posto à venda no Mercado do Valongo. A sua tarefa como advogado(a) é escrever uma carta, que você quer publicar no jornal, dirigida aos leitores, apresentando argumentos que justifiquem o fim do terrível comércio de pessoas e a liberdade daqueles escravizados.

Etapa 1: O Rio de Janeiro sob a ótica da região do Valongo

Pista 1: Observe a localização do Cemitério dos Pretos Novos



Imagem 1: Região onde ficava localizado o Cemitério dos Pretos Novos. Mapa elaborado a partir da base do Atlas Digital ImagineRio, desenvolvido pelos professores Farès el-Dahdah e Alida C. Metcalf, na Rice University. Disponível em: <https://www.imagerio.org/pt>. Acesso em: 18 out. 2024.

Pista 2: A história do Cemitério dos Pretos Novos do Valongo

A história do Cemitério dos Pretos Novos do Valongo iniciou-se a partir de uma nova configuração do tráfico de escravizados, que resultou na transferência do mercado de escravos, em 1774, da região central do Rio de Janeiro para a região do Valongo (Honorato, 2018, pp.45-46). Atendendo às reclamações dos moradores da região do centro, devido a todo o horror advindo dos corpos insepultos e em decomposição, o vice-rei Marquês de Lavradio, durante a sua gestão, transferiu, junto com o mercado de escravizados, o Cemitério dos Pretos Novos (que ficava até então no entorno da Igreja de Santa Rita) para a região do Valongo (Soares, 2016, pp. 153-154). O cemitério do Valongo funcionou até o início da década de 1830, quando foi desativado. Entre 1830 e 1831, deixou de funcionar. Na segunda metade do século XIX, a cidade viveu um processo de urbanização crescente, inclusive na região portuária. Segundo o historiador Claudio Honorato, várias casas foram construídas

na área, inclusive sobre o aterro do Cemitério do Valongo. Não se sabe ao certo quando ocorreu o aterramento do cemitério e a urbanização da região, provavelmente esse foi um processo que durou alguns anos ou décadas.

Referências:

HONORATO, Claudio de Paula. Nas fronteiras da (in)visibilidade: o Instituto de Pesquisa e Memória Pretos Novos – museu de um outro amanhã. In: VAZ, Lilian Fessler; SELDIN, Claudia (org.). **Culturas e resistências na cidade**. Rio de Janeiro: Rio Books, 2018.

PEREIRA, Júlio César Medeiros da Silva. **À flor da Terra**: o Cemitério dos Pretos Novos no Rio de Janeiro. 2006. Dissertação (Mestrado em História Social) – Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

SOARES, Carlos Eugênio L. Geografia histórica da região do Valongo, 1713-1904. **Revista Acervo**, Rio de Janeiro, v. 29, n.1, pp. 150-161, jan a jun/2016.

Etapa 2: Mercado de escravos do Valongo

Pista 1: Agora que você já conhece a história do Cemitério dos Pretos Novos, que tal entender um pouco mais sobre o estabelecimento dos mercados de escravizados?

Os mercados de escravizados eram locais destinados à negociação (compra e venda de africanos). Veja abaixo uma imagem do artista francês Jean-Baptiste Debret. Ele procurou retratar o mercado de escravizados estabelecido na região do Valongo, desde o século XVIII. Observe as condições físicas dos africanos inseridos na escravidão: seres humanos debilitados, expostos com apenas um pano para cobrir seus corpos, em suma, em condições altamente degradantes, e objetificados como uma mercadoria. Tudo isso que hoje entenderíamos como grave violação dos direitos humanos.

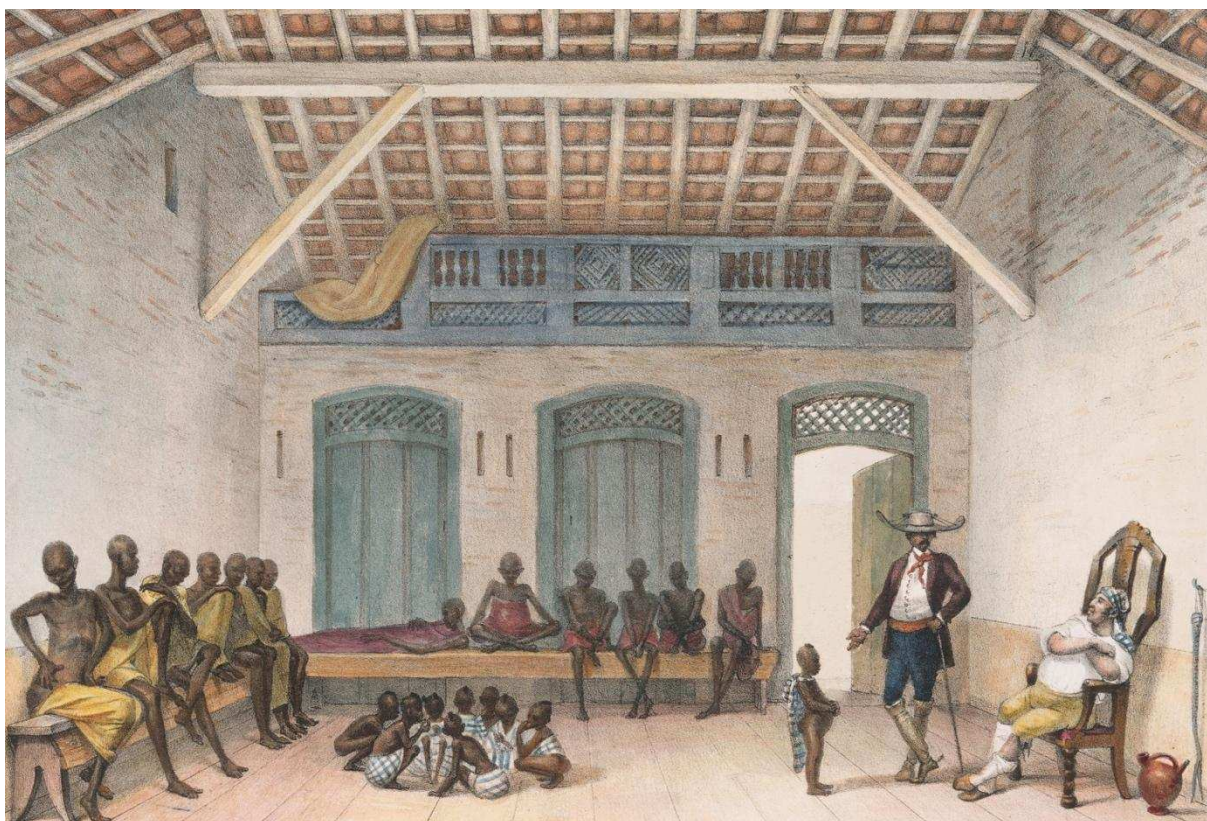


Imagem 2. Mercado da rua do Valongo.

Fonte: Boutique de la rue du Val-Longo. Debret, Jean-Baptiste. *Voyage pittoresque et historique au Brésil*. Paris: Firmin Didot Frères, 1834-9, t. 2, pl. 25. The New York Public Library Digital Collections. Para uma edição traduzida para o português, ver DEBRET, Jean Baptiste. **Viagem pitoresca e histórica ao Brasil**. São Paulo: Martins Fontes. Tomo 1, v 2, pp.188-190, 1940.

Na cena composta pelo pintor e viajante francês, a disposição das pessoas no armazém e a simplicidade do mobiliário (dois bancos de madeira, uma poltrona velha, uma moringa e um chicote suspenso) procuram retratar o funcionamento de um mercado de escravizados, ou seja, um local disponibilizado para o comércio de carne humana. Sentado na poltrona velha está um traficante de escravizados. Enquanto descansa e vigia a sua propriedade, o negociante discute com outro homem, também negociante de escravizados.

Referência: DEBRET, Jean Baptiste. **Viagem pitoresca e histórica ao Brasil**. São Paulo: Martins Fontes. Tomo 1, v. 2, pp.188-190, 1940.

Sobre as condições físicas dos africanos, Debret chama a nossa atenção para observarmos além do espaço físico do ambiente, olhando para as condições dos escravizados recém-chegados e postos à venda, definidos pelo pintor como “esqueletos ambulantes”. Através da disposição dos longos bancos, nosso olhar se

fixa na fisionomia dos homens distribuídos ali. De acordo com a descrição que o pintor fez para essa imagem, no banco da esquerda, o primeiro africano aparenta inquietude, atormentado por uma coceira no corpo; o segundo aparenta estar sadio; o terceiro aparenta melancolia; o quarto se encontra paciente; o quinto apresenta apatia; ao passo que os dois últimos parecem sossegados. Ao fundo, distribuídos no outro banco, aparecem mais seis escravizados. No centro da imagem, são representadas as crianças amontoadas que, na visão do pintor, nunca apresentam tristeza.

Referência: DEBRET, Jean Baptiste. **Viagem pitoresca e histórica ao Brasil**. São Paulo: Martins Fontes. Tomo 1, v 2, pp. 188-190, 1940.

Etapas 3: Transferência do mercado de escravizados e a criação do Cemitério dos Pretos Novos

O mercado de escravizados esteve presente na região central do Rio de Janeiro até meados do século XVIII. Localizado à rua Direita (hoje Rua Primeiro de Março), este comércio de almas foi transferido para a Rua do Valongo (hoje Rua Camerino) atendendo às reclamações dos moradores da região central, que se sentiam incomodados com o odor produzido pela decomposição dos corpos insepultos. Assim, em 1774, o Marquês de Lavradio, que era o vice-rei no período, transferiu definitivamente o comércio de escravizados para o Valongo.

Referência: HONORATO, Claudio de Paula. Nas fronteiras da (in)visibilidade: o Instituto de Pesquisa e Memória Pretos Novos – museu de um outro amanhã. In: VAZ, Lilian Fessler; SELDIN, Claudia (org.). **Culturas e resistências na cidade**. Rio de Janeiro: Rio Books, 2018.

Pista 1: Apesar de a transferência definitiva do mercado de escravizados da região central para o Valongo ter ocorrido apenas em 1774, supõe-se que o sepultamentos de escravizados recém-chegados já ocorria na região desde alguns anos antes, pois a criação do Cemitério dos Pretos Novos do Valongo se deu em 1772.

Referência: PEREIRA, Júlio César Medeiros da Silva. **À flor da Terra: o Cemitério dos Pretos Novos no Rio de Janeiro**. 2006. Dissertação (Mestrado em História Social) – Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

Pista 2: Com a transferência do mercado de escravizados e a criação do Cemitério dos Pretos Novos do Valongo, a empresa colonial escravista teve um grande impulso pois a região do Valongo tinha todos os elementos úteis ao tráfico de

pessoas escravizadas. A região abrigava, na verdade, o que pode ser considerado como o Complexo do Valongo, onde os escravizados chegavam e eram comercializados e, por ocasião da morte, sepultados naquela mesma área da cidade.

Referências:

FLORENTINO, Manolo. **Em costas negras**: uma história do tráfico de escravos entre a África e o Rio de Janeiro (séculos XVIII e XIX). São Paulo: Unesp, 2014.

SOARES, Carlos Eugênio L. Geografia histórica da região do Valongo, 1713-1904. **Revista Acervo**, Rio de Janeiro, v. 29, n.1, pp. 150-161, jan a jun/2016.

Pista 3: Do aterramento à redescoberta do Cemitério do Pretos Novos

Sabe-se que os sepultamentos no Cemitério dos Pretos Novos na região do Valongo duraram até 1830-1831, mas não há registros que comprovem quando o campo santo foi aterrado. O que se tem certeza é da redescoberta do Cemitério em 1996, a partir da reforma de uma casa construída no local. Tendo em vista os artefatos e os restos ósseos humanos localizados por ocasião de obras na residência, pesquisas arqueológicas e os órgãos do Patrimônio Cultural atestaram que os vestígios encontrados pertenciam ao antigo cemitério.

Pista 4: Redigindo uma carta para o jornal

No ano de 1825, o mercado de escravizados já estava estabelecido há muito tempo na região do Valongo. Nesse período, o tráfico continuava a operar desembarcando seus milhões de vítimas através do Complexo do Valongo, produzindo, assim, muitas mortes. De acordo com o historiador Claudio Honorato, de 1824 a 1831, foram realizados 6.119 sepultamentos no Cemitério dos Pretos Novos. Diante dessa situação, você, como advogado(a) negro(a), se identifica com a luta pela liberdade do povo negro, e decide escrever uma carta para publicar no jornal, argumentando que não é possível em pleno século XIX conviver com tamanha crueldade e violência contra os africanos inseridos na escravidão.

Você já tem ideias abolicionistas, que só se tornarão mais difundidas ao longo do século XIX, e deseja, assim, expressar nessa carta todo o seu horror à escravidão e a repugnância que ela lhe causa. Muito desse sentimento de indignação veio do que você viu que acontecia com os africanos escravizados que, ao chegarem tão

debilitados do outro lado do Atlântico, não resistiam e iam parar no Cemitério dos Pretos Novos. Para você, esse era um desperdício em massa de vidas humanas. Então, procure agora expressar com suas palavras, esses sentimentos, descrevendo a realidade do mercado de escravizados e do Cemitério do Valongo em sua carta para o jornal.

A partir das pistas propostas, agora é a sua vez de escrever. Você tem liberdade de criação. Então, mãos à obra!

Conclusão:

Como você viu nessa oficina, por volta do ano de 1772, foi criado na região do Valongo o Cemitério dos Pretos Novos, africanos recém-desembarcados no Rio de Janeiro através do Complexo do Valongo. Oficialmente, os sepultamentos só foram regulamentados a partir da transferência do mercado de escravizados em 1774, mas já ocorriam desde a criação daquele campo santo. Chama atenção o espaço diminuto que estava destinado à inumação de milhares de escravizados recém-chegados.

Leia um trecho da descrição do Cemitério dos Pretos Novos feita pelo viajante alemão G. W. Freireyss:

“No meio deste espaço (de 50 braças) havia um monte de terra da qual, aqui e acolá, saíam restos de cadáveres descobertos pelas chuvas”.

Segundo o historiador Júlio Medeiros, o viajante alemão G. W. Freireyss foi testemunha ocular e estimou o tamanho do cemitério em 50 braças,¹ isto é, um pequeno espaço, equivalente a apenas 110 metros, para comportar muitos e muitos corpos de africanos escravizados.

Referências:

¹ De acordo com Dahas Zarur, citado por Júlio Medeiros, a braça equivale a 2,2 metros. Então, como Freireyss estima o cemitério em 50 braças, é equivalente a cerca de 110 metros. Ver em: *Cemitérios da Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro*. p. 157.

Página Institucional do Instituto Pretos Novos. Para mais informações veja em: <https://pretosnovos.com.br/museu-memorial/cemiterio-dos-pretos-novos/>

PEREIRA, Júlio César Medeiros da Silva. **À flor da Terra: o Cemitério dos Pretos Novos no Rio de Janeiro**. 2006. Dissertação (Mestrado em História Social) – Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

Referências Bibliográficas

BARCA, Isabel. Aula Oficina: do Projeto à Avaliação. in. **Para uma educação de qualidade: Atas da Quarta Jornada de Educação Histórica**. Braga, Centro de Investigação em Educação (CIED)/Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, pp. 131-144, 2004.

DEBRET, Jean Baptiste. **Viagem pitoresca e histórica ao Brasil**. São Paulo: Martins Fontes. Tomo 1, v 2, 1940.

FLORENTINO, Manolo. **Em costas negras: uma história do tráfico de escravos entre a África e o Rio de Janeiro (séculos XVIII e XIX)**. São Paulo: Unesp, 2014.

HONORATO, Claudio de Paula. Nas fronteiras da (in)visibilidade: o Instituto de Pesquisa e Memória Pretos Novos – museu de um outro amanhã. In: VAZ, Lilian Fessler; SELDIN, Claudia (org.). **Culturas e resistências na cidade**. Rio de Janeiro: Rio Books, 2018.

Página Institucional do Instituto Pretos Novos.
<https://pretosnovos.com.br/museu-memorial/cemiterio-dos-pretos-novos/>
<https://pretosnovos.com.br/museu-memorial/>

PEREIRA, Júlio César Medeiros da Silva. **À flor da Terra: o Cemitério dos Pretos Novos no Rio de Janeiro**. 2006. Dissertação (Mestrado em História Social) – Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

SOARES, Carlos Eugênio L. Geografia histórica da região do Valongo, 1713-1904. **Revista Acervo**, Rio de Janeiro, v. 29, n.1, pp. 150-161, jan a jun/2016.

Oficina 2

Hierarquias na vida e na morte

O caso:

A sociedade da América portuguesa, construída no modelo do Antigo Regime europeu, tinha como espinha dorsal as hierarquias ou, como entenderíamos hoje, as desigualdades sociais (Bravo, 2014, p.23). Segundo Milra Bravo, “em uma sociedade de Antigo Regime, as desigualdades seriam mantidas, já que a posição social de um indivíduo era vista como hereditária”, mesmo depois do falecimento da pessoa. De acordo com esta lógica, as estratificações sociais baseadas no nascimento se deviam à linhagem a qual um indivíduo pertencia e nem a morte, portanto, alterava sua posição na sociedade. Seguindo a caracterização de Roland Mousnier,² a autora menciona cinco tipos de estratificação social, quais sejam: legal, status social, hierarquia econômica, de poder e ideológica. As hierarquias são mecanismos complexos de estratificações sociais. Neste sentido, o objetivo aqui é apresentarmos alguns exemplos das hierarquias – presentes tanto no mundo dos vivos, como no dos mortos – no Rio de Janeiro do século XIX.

Referência: BRAVO, Milra Nascimento. **Hierarquias na morte**: uma análise dos ritos fúnebres católicos no Rio de Janeiro (1720-1808). Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Centro de Ciências Humanas e Sociais, Escola de História, 2014.

A tarefa: Estamos no início do século XIX. A sua tarefa será pensar sobre o carregar e o ser carregado, e como essa sociedade hierarquizava a função do carregador, tanto na vida cotidiana como na morte. Que posição social ocupava quem era carregado? E quem era obrigado a carregar? Em uma situação como a morte, quem carregava o corpo do falecido? Como se diferenciavam as cerimônias fúnebres de cada grupo social? Depois de conhecer alguns exemplos de enterramentos e ritos fúnebres, nas Pistas, você conseguiria estabelecer uma ordem, desde as práticas

² MOUSNIER, Roland. Las jerarquías sociales. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1972, p. 08. Citado por BRAVO, Milra Nascimento. **Hierarquias na morte**: uma análise dos ritos fúnebres católicos no Rio de Janeiro (1720-1808). Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Centro de Ciências Humanas e Sociais, Escola de História, 2014.

em torno da morte dedicadas aos mais desfavorecidos, até aquelas a que apenas os mais ricos e poderosos tinham acesso?

Etapa 1: Hierarquias no cotidiano social do século XIX

Nessa Etapa, apresentamos três ilustrações produzidas no século XIX pelo pintor francês Jean-Baptiste Debret, que você já encontrou na Oficina 1. A partir da observação destas imagens, será possível perceber como se configuravam as hierarquias sociais no dia a dia da vida urbana, em atividades como a ida à missa ou a outras cerimônias eclesiais, como o batismo, no Rio de Janeiro. Você vai poder notar como as pessoas – de acordo com sua situação de proprietários ou de escravizados, de livres ou de cativos e, afinal, também de brancos ou de negros – ocupavam posições inversas no carregar e no ser carregado. Esse pode ser considerado como um costume que dá materialidade às hierarquias sociais. Ser carregado por pessoas escravizadas representava mais do que não se cansar andando com os próprios pés, significava ocupar uma posição de poder nessa sociedade.

Pista 1: Senhora em sua cadeirinha a caminho da missa

Na imagem abaixo, de Debret, intitulada *Senhora em sua cadeirinha a caminho da missa*, temos uma proprietária rica e de *boa sociedade* em sua cadeirinha de passeio ornamentada com elementos dourados, que se faz conduzir por dois escravizados. Ao seu lado, caminha uma menina, também escravizada, que a acompanha durante seu trajeto até a missa.



Imagem 3. Senhora em sua cadeirinha a caminho da missa.

Referência: DEBRET, Jean Baptiste. **Viagem pitoresca e histórica ao Brasil**. São Paulo: Martins Fontes. Tomo 2, v 3, 1940, pp. 146-147.

Pista 2: Transporte de uma criança branca para ser batizada na Igreja

Segundo Debret, a ilustração a seguir procura mostrar o transporte de uma criança branca, de estratos médios, para ser batizada na Igreja. Conduzida por dois escravizados nesse meio de transporte que chamavam de cadeirinha, a criança está no colo de sua ama de leite que, segundo o artista, é também a sua parteira, e que a conduzirá até a pia batismal.



Imagem 4. Transporte de uma criança branca para ser batizada na Igreja.
Referência: DEBRET, Jean Baptiste. **Viagem pitoresca e histórica ao Brasil**. São Paulo: Martins Fontes. Tomo 2, v 3, 1940, pp.172-173.

Pista 3: Negras Novas a caminho da Igreja para o batismo

Na imagem a seguir, Debret apresenta-nos uma cena que tem como personagens centrais duas escravizadas novas, com suas crianças envolvidas em seus corpos, sendo conduzidas pelas mães, que caminham para o batismo. Há também a presença de um homem vestido com um uniforme negro, portando um chapéu e uma bengala, que se apresenta respeitosamente ao capelão como o padrinho. Já a madrinha acompanha o grupo com discrição.

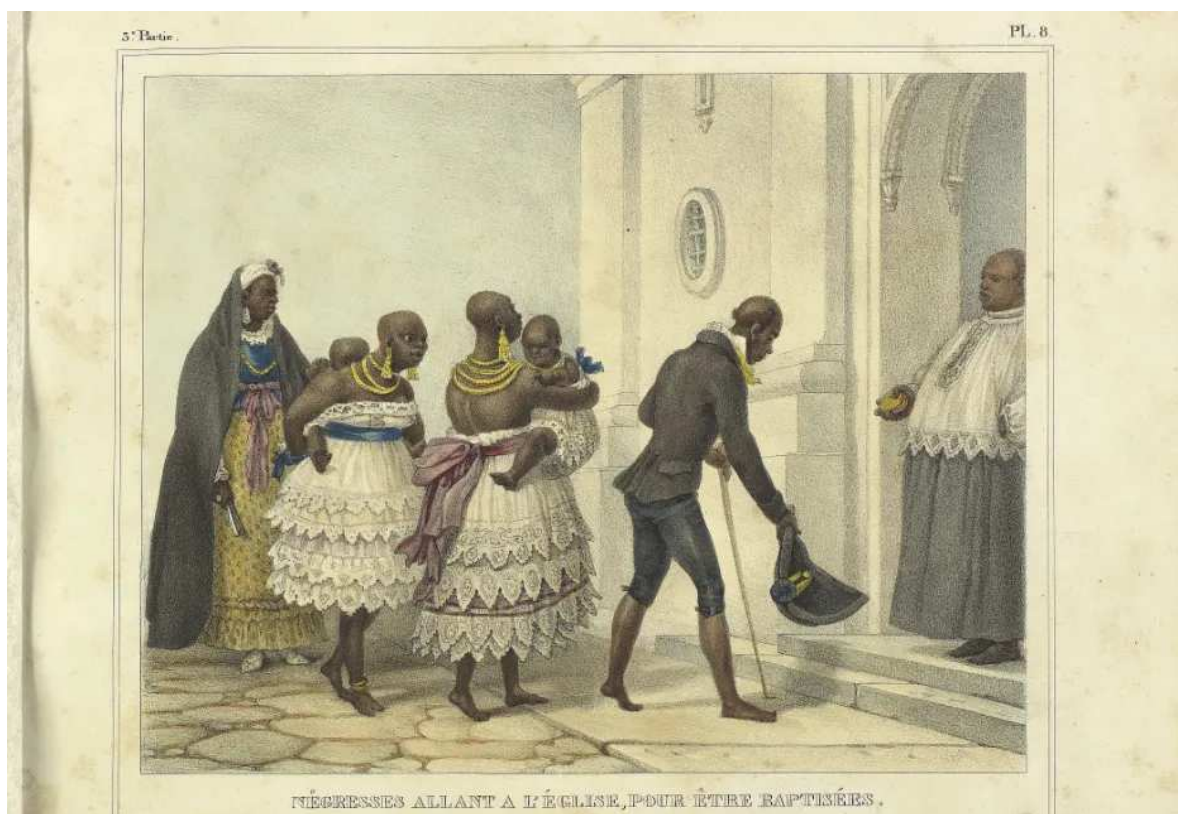


Imagem 5. Negras Novas a caminho da Igreja para o batismo.

Referência: DEBRET, Jean Baptiste. **Viagem pitoresca e histórica ao Brasil**. São Paulo: Martins Fontes. Tomo 2, v 3, prancha 8, 1940, pp. 153-155.

Etapa 2: Hierarquias na morte

Nesta Etapa, apresentamos um conjunto de imagens do século XIX, também produzidas por Jean-Baptiste Debret, com exceção da primeira, que é uma aquarela pintada pelo pesquisador Reinaldo Tavares em 2015. A ideia é mostrar como é possível conhecer a hierarquia social a partir dos diversos tipos de sepultamentos existentes no Rio de Janeiro do século XIX. Para pensarmos sobre a presença das hierarquias mesmo depois da morte, podemos começar observando as configurações sociais numa escala de “baixo para cima”, ou seja, nos atentando primeiro aos enterramentos dos mais desprivilegiados, até chegarmos aos indivíduos de grande fortuna, percebendo como os processos eram bastante diversos.

Pista 1: Sepultamento dos pretos novos

Os chamados *pretos novos*, como você já viu, eram os africanos recém-desembarcados da África para o Brasil para serem inseridos na escravidão.

Eles desembarcavam no Complexo Negreiro do Valongo e muitos faleciam momentos depois do desembarque, enquanto outros, que chegavam com a saúde já debilitada, morriam alguns dias depois. Os sepultamentos oferecidos aos *pretos novos* eram muito precários. Enterrados em uma vala rasa, frequentemente tinham seus corpos desnudos pela água das chuvas. Desde os primeiros tempos da colonização, e na perspectiva dos proprietários e negociantes, os africanos capturados para o comércio de escravizados eram convertidos (compulsoriamente) ao cristianismo. No entanto, na prática, as condições das inumações às quais os *pretos novos* eram submetidos podem ser consideradas como altamente degradantes e pouco respeitosas dos princípios que deveriam organizar o momento da morte no catolicismo.

Referência: PEREIRA, Júlio César Medeiros da Silva. **À flor da Terra**: o Cemitério dos Pretos Novos no Rio de Janeiro. 2006. Dissertação (Mestrado em História Social) – Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

O cemitério destinado aos *pretos novos* compreendia um espaço muito pequeno para comportar a demanda do tráfico de escravizados. Essa realidade imposta pela empresa escravista impunha aos africanos recém-chegados – que ocupavam o último lugar na escala social – o enterramento também mais desprivilegiado que existia no Rio de Janeiro daquela época. A imagem reproduzida abaixo é uma aquarela de 2015 do pesquisador Reinaldo Tavares, que procurou representar o Cemitério dos Pretos Novos, com a cruz na porta, marcando o espaço como um campo santo.



Imagem 6: Aquarela de Reinaldo Tavares, 2015.

Referência: Página institucional do IPN. Disponível em: <https://pretosnovos.com.br/museu-memorial/cemiterio-dos-pretos-novos/aquarela-2/#main>. Acesso em: 21 out. 2024.

Pista 2: Enterro de uma criança negra

A imagem abaixo, a que Debret chamou de *Enterro de um negrinho*, apresenta um contraste em termos de hierarquia na morte. Note que nesta ilustração há dois tipos de enterros: o primeiro, e mais luxuoso, ocupa o centro da gravura e remete ao enterro de uma criança negra inserida numa casa de ricos proprietários. O luxo é apresentado nos adereços utilizados (cadeirinha forrada de damasco e um pequeno caixão ornamentado por um ramalhete de flores e coroa de folhas), cuja locação é temporária, visando cumprir a celebração deste importante momento que é o sepultamento. As despesas de locação devem recair sobre a mãe, negra livre e remediada, membro de uma irmandade religiosa que não hesita em arcar com esse custo, que considera um dever. As irmandades religiosas – algumas de africanos e seus descendentes – eram importantes meios de criar sociabilidades e de ter alguma garantia de que na hora da morte o indivíduo teria direito aos ritos condizentes com a tradição católica.



Imagem 7. Enterro de um negrinho. DEBRET, Jean-Baptiste. Viagem pitoresca e histórica ao Brasil. São Paulo: Martins Fontes, 1940. Tomo 2, v. 3, pp. 181-183.

Já o segundo enterro, presente nesta mesma ilustração, remete ao fim do ciclo de vida de uma criança pobre. Caracterizado pela simplicidade, apresenta apenas um caixão carregado por um único homem (carregador de caixão). Para o indigente, é utilizado um tabuleiro coberto por uma toalha de renda para a colocação do corpo. Segundo Debret, o sepultamento custa apenas a remuneração do carregador, quando esta não é tomada de empréstimo a um vizinho, deixando claro que é o último recurso da extrema pobreza.

Referência: DEBRET, Jean-Baptiste. Viagem pitoresca e histórica ao Brasil. v.2, pp.181-183.

Pista 3: Enterro de uma mulher negra



Imagem 8. Enterro de uma mulher negra. Referência: DEBRET, Jean Baptiste. Viagem pitoresca e histórica ao Brasil. São Paulo: Martins Fontes, 1940. Tomo 2, v. 3, prancha 16, pp. 184-185.

A imagem acima é uma representação do enterro de uma mulher negra e pobre pelo olhar do pintor Jean-Baptiste Debret. Nesta gravura o artista representa um cortejo composto unicamente por mulheres, com exceção dos dois carregadores de caixão, um mestre de cerimônia e do tambor. A cena acontece diante da Igreja da Lampadosa, pequena igreja construída para os escravizados na região central do Rio de Janeiro, servida por um padre negro.

É importante observar que o enterro é de uma mulher pobre, uma vez que é carregada em uma rede até o local de inumação, sem a inclusão de qualquer ornamento fúnebre. Segundo Debret, a cerimônia se dava entre lamentações acerca da escravidão e festejos que o próprio cortejo fúnebre exigia e ainda, conforme os costumes brasileiros, só começava no fim do dia para que a sombra da noite pudesse cobrir com seu véu fúnebre todos esses detalhes. Mais uma vez, é possível constatar a importância das irmandades de negros.

Referência: DEBRET, Jean Baptiste. Viagem pitoresca e histórica ao Brasil. v.2, pp.184-185.

Pista 4: Enterro de um membro de irmandade



Imagem 9. Enterro de um membro da irmandade de Nossa Senhora da Conceição. DEBRET, Jean-Baptiste. **Viagem pitoresca e histórica ao Brasil**. São Paulo: Martins Fontes, 1940. Tomo 2, v. 3, p. 214.

A ilustração acima remete a um cortejo fúnebre de um membro da irmandade de Nossa Senhora da Conceição. O corpo do defunto é colocado dentro de um palanquim funerário com tampa móvel para facilitar sua colocação e retirada deste leito móvel. Este modo de transporte é comum entre as irmandades mais pobres, como a de Nossa Senhora da Conceição, por exemplo, composta principalmente de afrodescendentes unidos tanto pela cor como pela pobreza. Este é um exemplo de cortejo fúnebre, em que podemos observar o contraste hierárquico se comparado a um enterro de um membro da elite, por exemplo, que apresentava luxo e riqueza.

Pista 5: Cortejo fúnebre de um filho de rei negro



Imagem 10. Enterro do filho de um rei negro. DEBRET, Jean-Baptiste. **Viagem pitoresca e histórica ao Brasil**. São Paulo: Martins Fontes, 1940. Tomo 2, v. 3, prancha 16, pp. 185-186.

Imagine participar de uma grande festa em celebração de um sepultamento! Nesta imagem, Debret apresenta uma verdadeira festa característica de um ritual fúnebre de um filho de um rei negro. Neste contexto, percebe-se como alguns compatriotas africanos recebiam a morte, muitas vezes como uma festa (REIS, 1991). Não era incomum a presença de reis, rainhas, príncipes e princesas descendentes de monarcas africanos entre uma multidão de escravizados no Rio de Janeiro. Nesta pintura, o artista representa o cortejo fúnebre de um membro de uma nação africana. Mesmo ignorados e privados de suas insígnias, estas realezas eram veneradas por seus companheiros de infortúnio no Brasil. O defunto é conduzido em uma rede, tendo seu corpo coberto por uma manta ornamentada por uma cruz, fazendo alusão a uma confraria de pretos. A presença de uma multidão de compatriotas negros que acompanha o comboio fúnebre ao som de instrumentos nacionais pouco sonoros, mas reforçados pelas palmas das mãos, dá um caráter de união e fraternidade ao cortejo digno de um rei.

Os que acompanham o cortejo fúnebre da realeza africana seguem dançando, dando cambalhotas, soltando foguetes e tocando tambores. É importante destacar que os escravizados que participam se caracterizam para a despedida em homenagem ao príncipe. Diante do exposto e da perspectiva apresentada na imagem pelo artista, apesar de a sociedade escravista não destacar a importância do povo negro, fica evidenciada a complexa hierarquia na morte, mesmo entre os mais desfavorecidos, posto que nem todos os africanos escravizados recebiam um sepultamento tão prestigiado por seus companheiros, o que só ocorria em casos excepcionais.

Referências:

DEBRET, Jean Baptiste. Enterro do filho de um rei negro. **Viagem pitoresca e histórica ao Brasil**. São Paulo: Martins Fontes, 1940. Tomo 2, v. 3, pp. 185-186.

REIS, João José. **A morte é uma festa**: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

Pista 6: Cavaleiro de Cristo exposto em seu ataúde



Imagem 11. Jean-Baptiste Debret. Cavaleiro de Cristo exposto em seu ataúde. Desenho, Iconografia, icon1011420. 18,1 x 23 cm. Biblioteca Nacional.

Nos dias de hoje ainda é comum, entre os brasileiros de comunidades rurais, o hábito de velar seus entes queridos em suas casas, durante a noite que antecede o sepultamento e parte do dia destinado ao cortejo fúnebre. Segundo Debret, no século XIX, este hábito já era praticado, contexto em que o corpo do defunto deitado no caixão, completamente vestido, era exposto e velado. A imagem que reproduzimos aqui retrata um cavaleiro da Ordem de Cristo, vestido por sua indumentária completa e posto em seu caixão. A eça (o estrado onde é colocado o caixão) e os candelabros que o cercam, fornecidos pela Igreja, completam o cenário fúnebre. A composição desta cena fúnebre, com os preciosos utensílios disponibilizados pela igreja, não seria possível à realidade de membros das irmandades de negros ou de pessoas mais pobres, por exemplo.

DEBRET, Jean Baptiste. Viagem pitoresca e histórica ao Brasil. São Paulo: Martins Fontes, 1940. Tomo 2, v. 3, p. 169.

Etapa 3: Diversos tipos de esquifes
--



Imagem 12. Vários caixões (Divers cercueils). J. B. Debret. **Viagem pitoresca e histórica ao Brasil**. São Paulo: Martins Fontes, 1940. Tomo 2, v. 3, p. 213.

No contexto do Brasil de fins do século XVIII e início do século XIX, assim como na vida social, existiam também as hierarquias na morte. Uma pessoa escravizada, lançada no canto da extrema pobreza, tinha um sepultamento consistente com a vida que lhe fora roubada. Ao passo que uma pessoa de grande fortuna tinha um cortejo fúnebre ornamentado pelos elementos que a riqueza lhe propiciava.

Pista 1: Artefatos de enterramento

A partir desta ilustração, podemos visualizar variados elementos funerários. Nela, há a distribuição de vários tipos de caixões e sepultamentos presentes numa sociedade hierarquizada, como era a do século XIX. Portanto, a partir da observação da imagem, podemos perceber a presença de hierarquias nos tipos de caixões, que vão desde o mais luxuoso, contendo uma tampa, destinado a um homem rico (no centro da imagem) ao da extrema pobreza, como aquele disposto no chão, no primeiro

plano. Nas laterais, estão dispostos caixões sem tampa, destinados aos cidadãos de pouca fortuna. Ao fundo, há também caixões mais simples, recobertos por tecido de seda ou veludo e decorados por fios de ouro ou prata (destinados aos anjinhos brancos). Os mais humildes dos preparos de inumação são destinados aos escravizados, um deles é disposto na frente da imagem enrolado em uma esteira, que lhe serve de leito. Por fim, também apresentado à frente, conforme mencionamos, o enterro de um escravizado que tem um lavrador como dono, cujo corpo aparece envolvido em folhas de bananeiras, amarradas com tiras de pau-pita.

A partir das pistas apresentadas, agora é a sua vez de criar uma lista das situações hierárquicas que envolviam os rituais fúnebres! Mãos à obra!

Conclusão:

Nesta oficina você pôde analisar algumas imagens produzidas por Debret no século XIX, que remetem à afirmação da fé católica, ao sacramento do batismo e, finalmente, às condições dos sepultamentos. Na Etapa 1, procuramos abordar as hierarquias presentes na vida cotidiana de pessoas negras (escravizadas ou libertas) e pessoas brancas, de poderosos e de despossuídos. A primeira imagem, que remete a uma senhora branca indo à missa, sentada em sua cadeirinha e carregada por escravizados, é um bom exemplo para caracterizar a sociedade de privilégios. Esta contrasta com a condição social das mulheres escravizadas, presente na terceira imagem, que são conduzidas por seus padrinhos e caminham a pé até a Igreja em uma condição de subalternidade. Na Etapa 2, procuramos trazer uma ordem inversa de sepultamentos, isto é, iniciamos a demonstração das inumações mais precárias, como aquelas destinadas aos *pretos novos*, passando pelos enterramentos de pessoas pobres e escravizadas, até aqueles ornamentados e marcados por homenagens e prestígio. Esta hierarquia nos sepultamentos pode ser constatada na Etapa 3 desta Oficina, na qual se destaca diversos tipos de artefatos fúnebres, desde os mais luxuosos aos mais humildes. Portanto, a partir da observação dessas obras, podemos perceber a presença de hierarquias tanto no dia a dia de pessoas brancas e de pessoas escravizadas, como também no leito de morte, o que era comum, considerando o contexto histórico do século XIX.

Referência Bibliográficas

BRAVO, Milra Nascimento. **Hierarquias na Morte**: uma análise dos Ritos Fúnebres católicos no Rio de Janeiro (1720-1808). Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Centro de Ciências Humanas e Sociais, Escola de História, 2014.

DEBRET, Jean Baptiste. **Viagem pitoresca e histórica ao Brasil**. São Paulo: Martins Fontes, 1940, 2 Tomos.

Página institucional do IPN.

<https://pretosnovos.com.br/museu-memorial/cemiterio-dos-pretos-novos/aquarela-2/#main>

PEREIRA, Júlio César Medeiros da Silva. **À flor da Terra**: o Cemitério dos Pretos Novos no Rio de Janeiro. 2006. Dissertação (Mestrado em História Social) – Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

REIS, João José. **A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX**, São Paulo, Cia. das Letras, 1991.

Oficina 3

A gênese do Instituto Pretos Novos

O caso:

Estamos no início da década de 1990, e o casal Merced e Petruccio Guimarães adquirem uma casa para ser a residência de sua família. Situada à rua Pedro Ernesto, nº 32, Gamboa, Rio de Janeiro, a casa vai se tornar um museu memorial inserido nos Lugares de Memória do Tráfico Atlântico de escravizados. No ano de 1996, o casal resolveu realizar a reforma do imóvel, o que desencadeou muitas descobertas sobre o tráfico de escravizados da África para o Brasil!

A tarefa: Você é um pesquisador renomado e estuda assuntos relacionados à história da escravidão no Brasil. Ao pesquisar a história do Instituto Pretos Novos, fica impactado com suas descobertas e precisa divulgar esta história para levar conhecimentos tanto para os turistas que visitam a cidade do Rio de Janeiro, como para a população local que ainda não conhece a história dos *pretos novos*. A sua tarefa é produzir um folder explicativo sobre o local para atrair pessoas a conhecerem esse importante memorial. Então, você precisa conhecer bem esse lugar de memória, lendo as Pistas sugeridas aqui para inserir no folder o maior número de detalhes possível. Existindo a possibilidade, uma ida ao Museu seria uma experiência rica, para você conhecer ainda mais de perto essa história. Se não for possível nesse momento, seguindo as Pistas você terá muita informação para usar no seu folder. Mãos à obra!

Etapa 1: Conhecendo o Instituto dos Pretos Novos: um lugar de memória, onde acontecem oficinas antirracistas
--

Antes de ser reconhecido como lugar de memória,³ o IPN já era compreendido como um espaço cultural onde são ministrados cursos, seminários, oficinas de história, entre outros, relacionados à cultura africana e afro-brasileira.⁴ Neste sentido, a partir dessas propostas, o Instituto tem como objetivo oferecer conhecimentos sobre a história e a memória dos *pretos novos*, no intuito de buscar caminhos para uma educação antirracista, e ao mesmo tempo denunciar o crime contra a humanidade que foi a escravidão.

Pista 1: O Instituto Pretos Novos é um sítio arqueológico, reconhecido e identificado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN),⁵ situado na região portuária do Rio de Janeiro, que abriga a memória da escravidão e da diáspora africana. Estabelecido como Museu Memorial Pretos Novos, o IPN foi criado a partir da redescoberta do Cemitério dos Pretos Novos. Como exposição permanente, há um esqueleto íntegro e vários artefatos que reforçam que naquele local existiu um cemitério.

Referência: HONORATO, Claudio de Paula. Nas fronteiras da (in)visibilidade: o Instituto de Pesquisa e Memória Pretos Novos – museu de um outro amanhã. In: VAZ, Lilian Fessler; SELDIN, Claudia (org.). **Culturas e resistências na cidade**. Rio de Janeiro: Rio Books, 2018.

Pista 2: Vista panorâmica da casa que viria a ser a sede do IPN

³ O IPN foi criado em 2005, mas só foi reconhecido como um dos lugares de memória do tráfico de escravizados em 2013. Para mais informações, veja: Inventário dos Lugares de Memória do Tráfico Atlântico de Escravos e da História dos Africanos Escravizados no Brasil. LABHOI – Universidade Federal Fluminense, 2013.

⁴ HONORATO, Claudio de Paula. Nas fronteiras da (in)visibilidade: o Instituto de Pesquisa e Memória Pretos Novos – museu de um outro amanhã. In: VAZ, Lilian Fessler; SELDIN, Claudia (org.). **Culturas e resistências na cidade**. Rio de Janeiro: Rio Books, 2018, p. 49.

⁵ HONORATO, op. cit., 2018, p. 47.



Fonte: Folder institucional do IPN. Disponível em:

<https://pretosnovos.com.br/museu-memorial/cemiterio-dos-pretos-novos/pn-01-casa-telhadolage/#main>

Pista 2 a): A reforma do imóvel

A imagem acima remete a um conjunto de casas construídas no século XIX, a partir de um intenso desenvolvimento urbano iniciado no século XVIII. Entre essas habitações, aquela que se encontra no centro da imagem se destaca por ter dado origem ao Instituto Pretos Novos. Trata-se da casa adquirida pelo Casal Merced e Petruccio Guimarães dos Anjos, situada à Rua Pedro Ernesto, nº 32, na Gamboa. A partir de uma proposta de reforma do imóvel, revelou-se a existência de um cemitério, o Cemitério dos Pretos Novos do Valongo, que fora aterrado há quase dois séculos. Anos depois, nasceu o Museu Memorial Pretos Novos.

Referência: VALADÃO, Regina C. M. **Tradição e Criação, Memória e Patrimônio**: a revitalização da Zona Portuária do Rio de Janeiro. 2012. Tese (Dissertação de Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Memória Social, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

Pista 2 b): A descoberta do Sítio Arqueológico Cemitério dos Pretos Novos

Ao iniciar a reforma da casa, os pedreiros se depararam com vestígios de ossos humanos, o que lhes causou tamanha surpresa, pois não se sabia da existência de

um cemitério naquele local. No entanto, órgãos vinculados ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, o IPHAN, atestaram que aquele espaço, onde fora construída a casa de Merced, havia sediado o Cemitério dos Pretos Novos.

Referência: PEREIRA, Júlio César Medeiros da Silva. **À flor da Terra: o Cemitério dos Pretos Novos no Rio de Janeiro**. 2006. Dissertação (Mestrado em História Social) – Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

Pista 2 c): A reforma e os primeiros achados arqueológicos



Salvamento arqueológico.

Fonte:

<https://pretosnovos.com.br/museu-memorial/ceimiterio-dos-pretos-novos/escavacao/#main>



Escavação arqueológica.

Fonte: Folder da página Institucional do IPN.

<https://pretosnovos.com.br/museu-memorial/ceimiterio-dos-pretos-novos/escavacao/#main>

Pista 3: Vestígios ósseos encontrados no Cemitério dos Pretos Novos

Os achados arqueológicos encontrados nas escavações na casa da família Guimarães revelaram a descoberta de um sítio arqueológico e, portanto, um patrimônio difícil, assim entendido por carregar a memória da violência (de dor e sofrimento) da escravidão a qual foram submetidos os *africanos recém-chegados ao Rio de Janeiro*.

Referência: MENEGUELLO, Cristina. Patrimônios difíceis: um conceito incompleto? **Patrimônio, resistência e direitos**: História entre trajetória e perspectivas em rede. Vitória: Milfontes, 2022.

Pista 3 a): A imagem a seguir é reveladora dessa memória, por apresentar os vestígios ósseos dos africanos escravizados e sepultados no Cemitério dos Pretos Novos.



Achados arqueológicos no Cemitério dos Pretos Novos do Valongo. Fonte: Folder da página Institucional do IPN.

<https://pretosnovos.com.br/museu-memorial/cemiterio-dos-pretos-novos/pn-29-caixas-com-ossadas/#main>

Etapa 2: O Primeiro esqueleto intacto encontrado no sítio arqueológico Cemitério dos Pretos Novos.



Pesquisa arqueológica nas camadas mais profundas do terreno sede do IPN, 2017. Fonte: galeria do IPN. Disponível em:

https://pretosnovos.com.br/museu-memorial/cemiterio-dos-pretos-novos/esqueleto_completo_pretos_novos-e1502984375875/#main.

Pista 1: Pesquisa arqueológica

A imagem acima resulta do trabalho arqueológico realizado em 2017, liderado pelo pesquisador e arqueólogo Reinado Tavares. Todavia, é importante destacar que esta pesquisa teve início desde que emergiram os primeiros vestígios de corpos humanos no sítio arqueológico do Cemitério dos Pretos Novos. Estas escavações que permeiam a segunda década deste século se deram em uma área de dois metros quadrados em um dos poços de observação do cemitério.⁶ O especialista e sua equipe escavaram as camadas mais profundas do solo onde foram construídos os alicerces da sede do Instituto Pretos Novos, e esse trabalho acabou por revelar o primeiro esqueleto íntegro que, de acordo com os pesquisadores, pertenceu a uma mulher africana, *preta nova*, de aproximadamente vinte anos de idade. Ao achado, o pesquisador deu o nome de Bakhita, em homenagem à primeira santa africana da Igreja Católica, Josefina Bakhita.

Referência: Revista Aventuras na História, 2021.

⁶ Revista Aventuras na História, 2021. Disponível em: <https://aventuras.na.historia.uol.com.br/noticias/historia-hoje/relembre-descoberta-feita-no-cemitério-onde-escravizados-eram-jogados.phtml>.

Pista 2: Fragmentos ósseos de diversas pessoas

Junto ao esqueleto completo da africana, os arqueólogos encontraram os restos mortais de várias outras pessoas, o que sugere que os corpos eram empilhados uns por cima dos outros no processo de inumação. Desta forma, mesmo constatando a dimensão do espaço físico destinado aos enterramentos, que não correspondia à demanda do tráfico de escravizados, não há como silenciar diante do tratamento desumano concedido aos escravizados até mesmo no final do ciclo vital dessas pessoas. Todavia, é importante reconhecer que este tratamento está relacionado às hierarquias na morte.

Etapa 3: Instituto Preto Novo: um museu da (re)existência



Referência: Página institucional do IPN. Disponível em: <https://pretosnovos.com.br/museu-memorial/>.

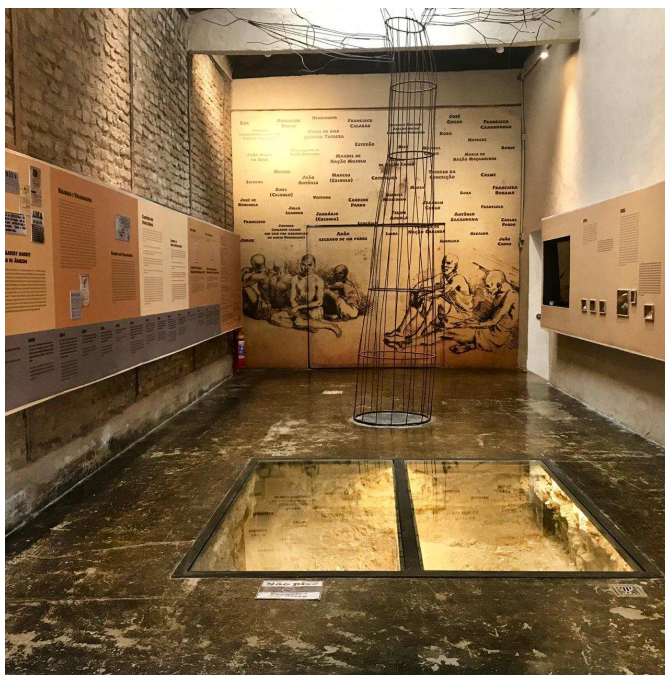
Pista 1: “Um museu de si”, parafraseando Benoit,⁷ citado por Regina Coeli Valadão, não se entrega a um passado tenebroso, mas faz uso deste passado marcado pelo silenciamento de vozes que ecoavam o grito de liberdade para dar visibilidade a outras vozes, que no presente lutam para não serem invisibilizadas ou sepultadas em vida. O IPN é um museu da (re)existência não apenas do povo negro (da

⁷ BENOIT, de L' Estoile, pesquisador do Centre National de la Recherche Scientifique, Paris. Pesquisador visitante CNPq, PPGAS/MN/UFRJ. Doutor em Antropologia pela EHESS. Em uma palestra ministrada na UFRJ, o autor afirmou que o IPN é “um museu de si” por incorporar o coletivo, propondo uma discussão sobre este público, ou seja, sobre esta comunidade. Citado por VALADÃO, Regina C. M., **Tradição e Criação, Memória e Patrimônio: a revitalização da Zona Portuária do Rio de Janeiro**. 2012. Tese (Dissertação de Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Memória Social, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012, p.97.

população afrobrasileira e africana), mas também das identidades e grupos sociais que se identificam com a luta antirracista.

Referência: VALADÃO, Regina C. M. **Tradição e Criação, Memória e Patrimônio: a revitalização da Zona Portuária do Rio de Janeiro**. 2012. Tese (Dissertação de Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Memória Social, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

Pista 2: O museu memorial Pretos Novos



Referência: Página institucional do IPN. Disponível em: <https://pretosnovos.com.br/museu-memorial/>. Acesso em: 20 out. 2024.

Pista 2 a): O Instituto Pretos Novos é um lugar de memória e, ao mesmo tempo, um espaço onde se transforma dor em cultura e resistência. Um patrimônio difícil evidenciado por uma exposição permanente entre achados arqueológicos, artefatos, imagens e documentos escritos que ajudam a contar a história trágica da escravidão e, conseqüentemente, do cemitério. Longe de manter suas lentes apenas voltadas à história do passado, o IPN torna possível que este vínculo com o vivido não seja inviabilizado. Voltado para a oferta de oficinas culturais, palestras, cursos, circuito de Herança Africana e visitas guiadas, dos quais você está convidado a participar, o Instituto se revela como um cemitério-museu onde o aprendizado da História é possível.

Pista 3: Produzindo o folder

Agora que você já conhece a história do Instituto, já é capaz de elaborar o folder explicativo sobre o IPN. Siga as pistas que foram propostas nesta oficina de História, e não se esqueça que você escreve para um público diverso. Portanto, use uma linguagem simples, que permita o entendimento de todos, e que seja atrativa para aqueles que desejam conhecer melhor a história da cidade.

A partir das pistas propostas, agora é a sua vez de escrever. Você tem liberdade de criação. Então, mãos à obra!

Conclusão:

O Instituto Pretos Novos foi criado a partir das descobertas arqueológicas provenientes da reforma do imóvel do Casal Guimarães dos Anjos em 1996. Reconhecido como sítio arqueológico, o IPN foi criado em 13 de maio de 2005 com o propósito de preservar a história e a memória dos pretos novos, mas também ser identificado como um local de (re)existência e produção de conhecimentos que conduzam a um aprendizado acerca de uma educação antirracista.

Veja como o curador Marco Antonio Teobaldo descreve o IPN e a sua importância histórica:

O sítio arqueológico Cemitério dos Pretos Novos, que funcionou durante os anos de 1769 a 1830, é a principal prova material e incontestável, encontrada até hoje, sobre a barbárie ocorrida no período mais intenso do tráfico de cativos africanos para o Brasil. Depois da descoberta fortuita feita pela família Guimarães dos Anjos, em 8 de janeiro de 1996, não há mais como admitir uma visão equivocada e romanceada sobre a escravidão de africanos e seus descendentes diretos no Brasil. Foram depositados neste cemitério os restos mortais de dezenas de milhares de africanos, brutalmente retirados de sua terra natal e trazidos à força para o trabalho escravo. E igualmente bruta também era a forma como seus corpos foram despedaçados, queimados e espalhados pelo terreno, cobertos apenas com algumas pás de terra. Há indícios de que, dada a situação de descarte humano que apresentava o local, moradores daquela época que passavam pela Rua do Cemitério lançavam seu lixo doméstico: restos de comida e fragmentos de louças, cerâmicas e vidros. Apesar de ser considerado o maior cemitério de escravos deste gênero nas Américas, o terreno destinado aos sepultamentos era muito pequeno para tantos corpos. Os vestígios arqueológicos e históricos deste campo santo são testemunhos da ação violenta e cruel sofrida pelos africanos que não resistiram aos maus

tratos da captura e viagem transatlântica. Este relato revelado pela historiografia e trazido à luz pela Arqueologia, repleto de desrespeito e dor, ainda é desconhecido por muitos, pois não é contado em todas as escolas e nem sequer é mencionado nos livros de história que têm a escravidão como tema. Por isto, reafirma-se a importância deste Museu Memorial, no qual o Cemitério dos Pretos Novos se impõe como peça central para este debate.

Referência: Curador Marco Antonio Teobaldo. Página Institucional do IPN

Referência Bibliográficas

Arquivos da página institucional do Instituto Pretos Novos – IPN. <https://pretosnovos.com.br/museu-memorial/>

HONORATO, Claudio de Paula. Nas fronteiras da (in)visibilidade: o Instituto de Pesquisa e Memória Pretos Novos – museu de um outro amanhã. In: VAZ, Lilian Fessler; SELDIN, Claudia (org.). **Culturas e resistências na cidade**. Rio de Janeiro: Rio Books, 2018

Inventário dos Lugares dos Lugares de Memória do Tráfico Atlântico de Escravos e da História dos Africanos Escravizados no Brasil. LABHOI – Universidade Federal Fluminense, 2013.

MENEGUELLO, Cristina. Patrimônios difíceis: um conceito incompleto? **Patrimônio, resistência e direitos**: História entre trajetória e perspectivas em rede. Vitória: Milfontes, 2022.

PEREIRA, Júlio César Medeiros da Silva. **À flor da Terra**: o Cemitério dos Pretos Novos no Rio de Janeiro. 2006. Dissertação (Mestrado em História Social) – Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

Revista Aventuras na História, 2021. Disponível em: <https://aventuras.na.historia.uol.com.br/noticias/historia-hoje/relembre-descoberta-feita-no-cemiterio-onde-escravizados-eram-jogados.phtml>.

VALADÃO, Regina C. M. **Tradição e Criação, Memória e Patrimônio**: a revitalização da Zona Portuária do Rio de Janeiro. 2012. Tese (Dissertação de Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Memória Social, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

Oficina 4

Caminhos para uma educação antirracista

O caso:

Em fevereiro de 2014, um adolescente negro foi amarrado pelo pescoço em um poste, com uma trava de bicicleta, no Aterro do Flamengo, no Rio de Janeiro. A imagem que você verá a seguir pode ser reveladora de um passado traumático que deixou marcas profundas em nossa sociedade: a escravização que marcou os primeiros séculos de existência do Brasil.

A tarefa: Você é pintor e foi contratado pelo IPN para pintar um quadro envolvendo a visibilidade do povo negro, e que ajude a promover a igualdade racial. Diferentemente dessa cena terrível que foi retratada no Aterro do Flamengo em 2014, você destacará em sua obra a importância do negro na cultura, na história e na formação nacional, de acordo com a Lei 10.639 de 9 de janeiro de 2003, que criou a oportunidade de que todos estudassem na escola a rica história dos africanos, dos afro-brasileiros e dos negros na sociedade contemporânea. Você vai precisar fazer uma pesquisa e escolher algum elemento significativo da cultura afro-brasileira que gostaria de homenagear.

Referência: Planalto: Lei 10.639 de 9 de janeiro de 2003. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2003/L10.639.htm.

Etapa 1: O papel da escola na construção de uma educação antirracista

À luz da Lei 10.639/2003 (que completou duas décadas em 2023) e da Lei 11.645/2008, a escola não pode se eximir do papel mediador na construção de uma cultura antirracista, visto que a primeira lei constitui um marco fundamental para o Ensino de História no Brasil e a segunda, a sua completude (DA SILVA, 2023, pp. 01-05). Portanto, é imprescindível a organização de um currículo voltado para a relevância do reconhecimento do papel central do povo negro na formação da nossa cultura. Assim, uma proposta pedagógica voltada para atividades que prezem por justiça social, respeito e igualdade étnica compõe o substrato para que nossos discentes entendam que nossa sociedade, embora composta por uma rica

diversidade, ainda é marcada por diferenciação étnica e preconceito racial. Embora a sociedade brasileira seja palco do multiculturalismo, no sentido da diversidade racial e cultural, essas ideias ainda não se concretizaram em garantias reais de uma sociedade livre de racismo. Não há outro caminho para a Escola, enquanto Instituição contemporânea, senão mediar a formação da consciência histórica dos nossos alunos, num esforço voltado para o combate ao preconceito, à desigualdade étnica e ao racismo, para que uma imagem como esta que segue abaixo não seja um cenário possível no qual inserir os nossos jovens.

Referências:

DA SILVA, M. M. (2023). Editorial – 20 anos da lei 10639/03: insurgências e rupturas no Ensino de História. **Revista História Hoje**, 12(25). Disponível em: <https://doi.org/10.20949/rhhj.v12i25.1090>.

SETEMY, A. Ensino de História, memória e direitos humanos: reflexões sobre a transmissão da memória através do ensino de passados traumáticos. **Revista História Hoje**, v. 10, n. 19, pp. 12-29, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.20949/rhhj.v10i19.752>.

Pista 1: Adolescente amarrado a um poste com uma trava de bicicleta



Adolescente amarrado a um poste com uma trava de bicicleta. Fotografia: Yvonne de Mello (Facebook)

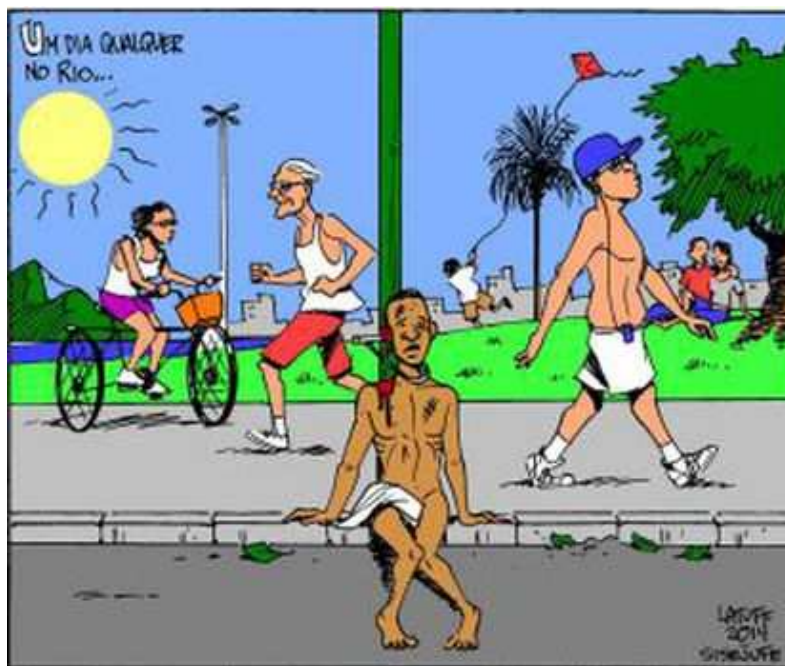
Pista 2: Violação dos direitos humanos na contemporaneidade

A fotografia acima retrata um jovem negro, com idade entre 15 e 18 anos, que foi captada há apenas dez anos pela artista Yvonne Bezerra de Melo, que se comoveu com a situação que parece estar implícita na cena: racismo que penetra todas as instâncias da vida social. Entretanto, se olharmos a imagem com atenção, relacionaremos a cena ao contexto da escravidão vigente no Brasil até o final do século XIX. Caracterizada por castigos físicos praticados contra um jovem negro desnudado, a ocorrência aponta para a violação dos direitos humanos perpetradas ontem e hoje, principalmente contra o povo negro. A infração apontada contra o jovem negro é que tentara praticar roubos na região do Aterro do Flamengo, Zona Sul do Rio de Janeiro.

Referência: **O Brasil se revolta a cada imagem:** a última foto brutal, que remonta à época da escravidão, mostra um rapaz negro, pelado, espancado e esfaqueado na orelha, amarrado a um poste pelo pescoço com uma trava de bicicleta. Redação de 05 de fevereiro de 2014. Disponível em: brasil.elpais.com.

Na cena, o jovem negro e pobre apresenta sinais de espancamento, tortura física e psicológica. Preso por uma trava de bicicleta que não lhe dava nenhuma possibilidade de mobilidade física, ele ainda tinha sua genitália coberta apenas por um pedaço de papel. Ou seja, além de ter cerceado seu direito de liberdade, ainda é colocado numa situação de intensa humilhação pública, o que pode ser resumido como uma barbárie.

Etapa 2: Uma quadro pintado pela barbárie
--



Charge do Sisejufe (Sindicato dos Servidores do Judiciário Federal). Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2014/02/05/sociedad/1391629878_904406.html

Pista 1: A charge acima alude à mesma cena e aos fatos relacionados à imagem anterior. A princípio, talvez a leitura mais provável suscitada pela ilustração seja uma manhã de sol comum desenhada pela paisagem natural e pintada pelo sol do verão, que se sobressai entre os praticantes de atividades físicas no Aterro do Flamengo no Rio de Janeiro. Enquanto alguns pedalam, outros praticam corrida, outros admiram a paisagem e há ainda aqueles que brincam. Poucos se voltam ao que acontece no centro da cena: um jovem negro e pobre machucado e preso pelo pescoço a um poste. Mas o que ele fez? Será que é esta a pergunta que a cena suscita? Enfatizamos que nenhuma prática infracional na sociedade é justificativa para a violência, visto que temos um sistema jurídico encarregado de gerenciar as regras de convívio social, agindo contra infrações e/ou crimes quando a lei demandar.

Pista 2: O papel docente na luta por uma sociedade antirracista

Nosso papel enquanto professores de História sugere que relacionemos o passado ao presente no sentido de promover a construção de conhecimentos dos nossos alunos a partir da observância de situações cotidianas em nossa sociedade. Esse papel inclui, também, mediar a construção de uma cultura da não violência, de uma igualdade étnica e social, rompendo assim com preconceitos e racismos, para que jovens negros se afirmem enquanto cidadãos de direitos, que não se sintam

intimidados com esta cultura desigual e racista. E ainda que não naturalizem cenas como aquela ocorrida no Aterro do Flamengo, que destacamos nesta oficina de História.

Referências:

SETEMY, A. Ensino de História, memória e direitos humanos: reflexões sobre a transmissão da memória através do ensino de passados traumáticos. **Revista História Hoje**, v. 10, n. 19, pp. 12-29, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.20949/rhhj.v10i19.752>.

SILVA, Cecília Guimarães. **História da África no Ensino Superior**: a formação dos professores de História e a prática docente. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

A partir da Tarefa proposta, agora é a sua vez de escrever. Faça uma pesquisa e elabore algum tipo de produção visual, um desenho, por exemplo, sobre um elemento da cultura afrodescendente no Brasil que chame a sua atenção, e que possa ser considerado um patrimônio cultural. Você tem liberdade de criação. Então, mãos à obra!

Conclusão

Em 2014, um jovem foi apreendido por populares justiceiros que o amarraram a um poste, pelo pescoço, com uma trava de bicicleta. A cena, que é atual, resgata todo um passado traumático (de dor e sofrimento) contra os africanos que foram violentamente trazidos de várias regiões da África e escravizados no Brasil.

Veja a reportagem do site *Afropress.com*, que circulou em diversos jornais e sites dentro e fora do Brasil:

A barbárie brasileira se expôs, mais uma vez sem cortes, em pleno bairro do Flamengo, no Rio: um adolescente negro, de idade entre 16 e 18 anos, foi deixado nu preso a um poste amarrado por uma trava de bicicleta, depois de ser espancado presumivelmente por rapazes brancos bem nascidos da classe média carioca na última sexta-feira, na Av. Rui Barbosa, Zona sul do Rio. [...] A cena remete aos castigos que usualmente eram aplicados a negros durante o período da escravidão, acusados de pequenos delitos. No caso do período da escravidão, porém, os algozes eram quase sempre a Polícia, mantida pelo Estado imperial. (*Afropress.com*, 04 de fevereiro de 2014).

A análise do site *Afropress* aponta para a recorrência de práticas de violência que remontam ao passado escravista, enfatizando a interpretação racista característica de uma sociedade que desacredita nas instituições do Estado contemporâneo e que prega a barbárie. Contra essa conjuntura, apenas uma educação decididamente

antirracista poderá assegurar a todos nós um futuro cada vez menos marcado pelo passado escravista.

Referências Bibliográficas

O Brasil se revolta a cada imagem: A última foto brutal, que remonta à época da escravidão, mostra um rapaz negro, pelado, espancado e esfaqueado na orelha, amarrado a um poste pelo pescoço com uma trava de bicicleta. Redação de 05 de fevereiro de 2014. Disponível em: brasil.elpais.com.

Charge do Sisejufe - Sindicato dos Servidores do Judiciário Federal.

DA SILVA, M. M. (2023). Editorial – 20 anos da lei 10639/03: insurgências e rupturas no Ensino de História. **Revista História Hoje**, 12(25). Disponível em: <https://doi.org/10.20949/rhhj.v12i25.1090>.

Imagem de um menino negro amarrado a um poste expõe barbárie. Redação de 04 de fevereiro de 2014. Disponível em: [Afropress.com](http://afropress.com).

Planalto: Lei 10.639 de 9 de janeiro de 2003. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2003/L10.639.htm.

SETEMY, A. Ensino de História, memória e direitos humanos: reflexões sobre a transmissão da memória através do ensino de passados traumáticos. **Revista História Hoje**, v. 10, n. 19, pp. 12-29, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.20949/rhhj.v10i19.752>.

SILVA, Cecília Guimarães. **História da África no Ensino Superior:** a formação dos professores de História e a prática docente. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.